



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS E HUMANOS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

REGINALDO GABRIEL SOARES

AYVU PYAU REGUA:

**PALAVRAS ANTIGAS, VOZES VIVAS - A LÍNGUA GUARANI MBYA COMO
EXPRESSÃO DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-
CULTURAL**

FLORIANÓPOLIS

2025

REGINALDO GABRIEL SOARES

AYVU PYAU REGUA:

**PALAVRAS ANTIGAS, VOZES VIVAS - A LÍNGUA GUARANI MBYA COMO
EXPRESSÃO DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-
CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC como requisito para obtenção
do título de licenciado no Curso de Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Orientador: **Professor Josué Carvalho**

SOARES, REGINALDO GABRIEL

AYVU PYAU REGUA : PALAVRAS ANTIGAS, VOZES VIVAS - A
LÍNGUA GUARANI MBYA COMO EXPRESSÃO DE RESISTÊNCIA E
AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICOCULTURAL / REGINALDO GABRIEL
SOARES ; orientador, Josué Carvalho, 2026.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Língua Guarani Mbya. 3. Identidade Cultural.
4. Transformações Linguísticas. 5. Resistência Indígena.
I. Carvalho, Josué . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da
Mata Atlântica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Campus Universitário - Trindade CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC

Telefones: (048) 3721-4879 – 3721-2600

licenciaturaindigena@cfh.ufsc.br

Ata da Banca de Defesa de TCC de

Reginaldo Gabriel Soares

Ao primeiro dia do mês de dezembro do ano dois mil e vinte e cinco, às 14h, na sala 110 – Bloco D do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos(as) Professores(as) Josué Carvalho (Orientador e Presidente), Maria Dorothea Post Darella e Sandra Benites – FUNARTE, designada pela Portaria n.º 56/HST/CFH/2025, do Senhor Prof. Dr. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Reginaldo Gabriel Soares, subordinada ao título: Palavras Antigas, Vozes Vivas: A Língua Guarani Mbya como Expressão de Resistência e Afirmação da Identidade Étnico-Cultural. Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao aluno, na forma regimental, expor o tema do seu TCC, findo o que, dentro do tempo regulamentar, foi arguida pelos membros da banca examinadora. Em seguida, deu as explicações que se fizeram necessárias. A seguir a banca examinadora reuniu-se reservadamente para proceder à avaliação final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do curso, sendo o candidato () Reprovado; (x) Aprovado. Nota 9,5. O texto final (TCC) deverá ser entregue na biblioteca no prazo de **90 dias** a contar da presente data, levando em consideração as recomendações da banca examinadora.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Josué Carvalho (Orientador e Presidente) – UFSC

Profa. Dra. Maria Dorothea Post Darella – UFSC

Profa. Dr^a Sandra Benites – FUNARTE

Aluno: Reginaldo Gabriel Soares

Florianópolis-SC, 20 de novembro de 2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Nhanderu (Deus), que sempre me deu forças para continuar. Sempre rezo pedindo para Ele me dar essa oportunidade, porque tudo o que estou fazendo aqui é para a minha comunidade e para a minha família.

Meus agradecimentos também vão para a minha tia Michele Mimbi, que sempre me motivou a não desistir dos meus estudos, mesmo quando tudo parecia difícil. Ela sempre me dizia: *“A vida nunca é fácil. Para alcançar o que você quer, é preciso passar por todos os obstáculos que vão aparecer pela frente.”* Essas palavras ficaram comigo e me ajudaram muito nessa caminhada.

Agradeço também ao meu professor orientador, Prof. Josué Carvalho, que me ajudou muito na construção do meu TCC. Ele não só me orientou, mas também me mostrou uma visão mais ampla do conhecimento em todos os aspectos. Sou muito grato por tudo o que aprendi com ele.

Meus sinceros agradecimentos ao Enrique Caballero, Blas Núñez e Karai Poty Mirí, por compartilharem seus conhecimentos comigo. Levarei cada ensinamento para a vida. Admiro muito a capacidade única que vocês têm de ensinar. Que Nhanderu dê sempre força para que vocês continuem caminhando e que mantenha todos com boa saúde.

RESUMO:

Este trabalho apresenta um estudo sobre as transformações na língua Guarani Mbya na aldeia Pirai (SC) e em outras aldeias visitadas ao longo da pesquisa. O objetivo foi compreender como palavras antigas têm sido substituídas por termos do português e do espanhol e o que essa mudança significa para o nhandereko, o modo de viver Guarani. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com xamõi kuery e xaryi kuery (anciãos e anciãs), lideranças e jovens, registrando palavras, histórias e modos de falar que fazem parte da memória cultural do povo. O estudo ressalta que a língua Guarani Mbya é fundamental para a identidade e a espiritualidade da comunidade, e que refletir sobre essas mudanças é também uma forma de valorizar e fortalecer a continuidade da língua entre as novas gerações.

Palavras-chave: Língua Guarani Mbya; Identidade Cultural; Transformações Linguísticas; Resistência Indígena; Nhandereko; Educação Escolar Indígena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Problemática do estudo.....	10
Justificativa.....	12
Objetivo geral.....	13
Objetivos específicos.....	13
Metodologia da pesquisa.....	14
CAPÍTULO 1 – ESCUTAS E DIÁLOGOS SOBRE A PALAVRA GUARANI MBYA.....	16
1.1 A palavra Guarani Mbya e sua força na comunidade.....	16
1.2 A língua como território e modo de viver.....	17
1.3 A língua como espiritualidade, conhecimento e força cultural.....	18
1.4 A língua como memória, sabedoria e força na formação da identidade étnico-cultural Guarani Mbya.....	19
1.5 A escola entre desafios e resistências na preservação da língua Guarani Mbya.....	20
1.6 Conexão entre os autores, as entrevistas e os objetivos da pesquisa.....	22
CAPÍTULO 2 – APRENDENDO COM AS PALAVRAS: O CAMINHAR DA PESQUISA GUARANI MBYA.....	23
2.1 O território da pesquisa, as formas de registros, as gentes entrevistadas e o sentido da escuta.....	23
2.2 Como as falas se transformam em sentido e resistência.....	27
CAPÍTULO 3 – PALAVRAS ANTIGAS, VOZES VIVAS: A LÍNGUA GUARANI MBYA HOJE.....	28
3.1 O que as palavras revelam sobre o tempo e o modo de ser Guarani.....	28
3.2 Mudanças na língua e o esquecimento dos costumes.....	29
3.3 Quando as palavras se calam: o aportuguesamento e o esquecimento.....	31
3.4 O olhar dos anciãos e o papel da escola diante da perda da língua.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Meu nome é Reginaldo Gabriel Soares, sou da etnia Guarani Mbya. Nasci em São Paulo – SP, cresci e ainda moro na aldeia Piraí há mais de 19 ou 20 anos. A aldeia fica localizada na Rodovia Senador Luiz Henrique da Silveira, KM 38 – Bairro Corveta, Araquari – SC (BR-280). É composta por 45 famílias, aproximadamente 150 pessoas, e possui duas lideranças: o Cacique e o vice-Cacique.

As principais referências da aldeia são o centro cultural, a escola Wera Puku, a casa de reza (opy’i) e os tanques de peixes. Segundo os relatos dos xeramõi e xejaryi — os mais velhos e as mais velhas da comunidade —, a aldeia Piraí foi fundada em 1968 pelo primeiro habitante, o cacique Francisco Timóteo, e foi povoada pela etnia Guarani Mbya. Atualmente, a aldeia é liderada pelo Cacique Ronaldo Costa (Karaí Tukumbo), que segue conduzindo as decisões com sabedoria e respeito aos mais antigos.

O estudo que apresento aqui fala sobre as mudanças e adaptações da língua Guarani Mbya na aldeia Piraí. Quero entender, a partir das conversas com os mais velhos, como a nossa língua era falada antigamente e como é falada hoje, observando o que mudou e o que ainda permanece vivo entre nós. Embora o campo principal da pesquisa seja a Aldeia Piraí, também analiso relatos e levantamentos feitos nas aldeias YY Akã Porã (Garuva – SC) e Koenju (São Miguel das Missões – RS), onde vivem parentes e lideranças que guardam muitas histórias e conhecimentos sobre a nossa língua e nossas formas de falar. Esses lugares ajudam a compreender melhor como a língua se transforma e ao mesmo tempo continua sendo parte da identidade Guarani Mbya.

A aldeia Piraí e a YY Akã Porã têm um vínculo muito forte, porque as lideranças são parentes próximos. Isso facilita a troca de experiências e o aprendizado sobre o uso da língua em cada lugar, já que as duas aldeias convivem e compartilham costumes parecidos. Já a aldeia Koenju tem uma ligação especial com a minha família. Dona Lídia, minha avó, contou que viveu boa parte da infância lá. Foi ouvindo as histórias e lembranças dela que senti vontade de conhecer Koenju e entender como a língua Guarani Mbya também vem mudando naquele território. Essa relação entre as aldeias mostra como as histórias e as palavras caminham junto com as famílias.

Entre os indígenas da aldeia Piraí, também mantemos contato com outras aldeias do mesmo povo — o povo Guarani Mbya —, tanto próximas quanto de regiões mais distantes. Ao longo do ano, participamos de encontros em batismos, cerimônias tradicionais e manifestações culturais. Esses momentos fortalecem os laços entre as comunidades, reforçam a nossa união e ajudam a manter vivos os saberes antigos que passam de uma geração para a outra.

Desde que entrei na Licenciatura Intercultural Indígena, senti que precisava escrever sobre o que está acontecendo com a nossa língua, porque os mais velhos da minha aldeia Piraí sempre falam que as palavras antigas estão sumindo e que isso preocupa toda a comunidade. Por isso, o tema da minha pesquisa é **“Palavras antigas, vozes vivas: a língua Guarani Mbya como expressão de resistência e afirmação da identidade étnico-cultural”**. O meu objetivo é trazer um alerta sobre o desuso das palavras tradicionais e sobre as mudanças que estão acontecendo no modo de falar do nosso povo.

Ao longo da escrita também abordarei sobre como o português, o espanhol, a tecnologia e a vida perto da cidade estão influenciando a nossa língua Mbya, fazendo com que muitas palavras deixem de ser usadas pelos jovens. O estudo nasce da preocupação que, aos poucos, a língua Guarani Mbya se enfraqueça, assim, abordarei também sobre a importância de cuidar das palavras antigas e reforçar que manter viva a nossa língua é manter viva também a nossa identidade e o nosso modo de existir como Povo Guarani Mbya.

A BR-280, que passa próxima à aldeia, liga as cidades de Jaraguá do Sul, Guaramirim, Araquari e São Francisco do Sul, e o crescimento dos bairros ao redor da Aldeia faz com que a gente fale português quase o tempo inteiro, principalmente quando vamos ao mercado, ao posto de saúde ou resolver algo na cidade. Além disso, na escola, temos professores não indígenas (juruá), e isso também influencia o modo como as crianças aprendem e falam.

Também apresento ao longo desta escrita alguns elementos que fazem parte das novas formas de falar que surgiram por causa das traduções e do contato com outras línguas. Essas mudanças ajudam a entender como a língua Guarani Mbya está se transformando na aldeia Piraí. Em muitos casos, as palavras novas acabam sendo

adaptadas para o Guarani, mostrando que a língua está viva e acompanha o tempo, mas também pode significar a perda da língua.

Um exemplo é a palavra “balão”, que em português significa bexiga inflável. Em Guarani, muitos jovens dizem “vexiga”, uma palavra muito parecida com o português. Essa aproximação entre os sons mostra como a língua Guarani Mbya recebe influências externas e cria novas formas de falar. É isso que chamo de novas linguagens: expressões que surgem do contato entre povos e culturas, e que refletem as mudanças que acontecem no cotidiano da comunidade.

Dessa forma, no estudo apresentado busca-se compreender como essas mudanças linguísticas afetam a identidade do povo Guarani Mbya da Terra Indígena Piraí, mostrando que a língua é mais do que palavras — ela é memória, cultura e resistência. Preservar o modo de falar é preservar quem somos.

Problemática do estudo:

Este estudo tem como propósito compreender as mudanças que a língua Guarani Mbya vem sofrendo nas aldeias, especialmente na Terra Indígena Piraí. Essa comunidade guarda muitas histórias ligadas à presença de figuras importantes, como Sepé Tiaraju, e vive em um território que ainda está em processo de demarcação desde 2011. Nesse contexto, a pesquisa busca entender como a língua tem sido usada atualmente e quais são as preocupações apontadas pelos mais velhos (xamõi e xaryi) em relação às novas gerações.

Os anciãos relatam com tristeza que várias palavras antigas, costumes tradicionais e ensinamentos transmitidos oralmente estão se perdendo. Essa perda se intensifica porque a aldeia está cercada por bairros, cidades, rodovias e pela presença constante do juruá (não indígena), o que aumenta o uso do português no cotidiano. A influência do mundo externo afeta as práticas linguísticas, fazendo com que o idioma português se torne dominante na escola e nas conversas diárias.

O aprendizado do português foi necessário para que o povo Guarani Mbya pudesse se comunicar com o juruá e registrar sua própria história, já que ela não aparece nos livros das escolas não indígenas. Contudo, essa mesma necessidade criou um desequilíbrio, pois muitos jovens passaram a misturar as línguas, reduzindo o uso da fala

tradicional Guarani Mbya. Essas mudanças indicam transformações não apenas linguísticas, mas também culturais, afetando o modo de ser e de viver do povo.

Mesmo diante de dificuldades como o racismo, o preconceito e as violências históricas contra os povos indígenas, a língua, a cultura e os costumes tradicionais continuam sendo os principais elementos que sustentam a identidade Guarani Mbya. A fala — mais do que a escrita — é reconhecida pelos anciãos como o lugar onde se preserva a memória, a espiritualidade e o modo de pensar Guarani.

Diante disso, a problemática central deste estudo é: como as mudanças na língua Guarani Mbya, influenciadas pelo contato com o português e o espanhol, estão afetando a identidade linguística e cultural do povo da Terra Indígena Piraí?

E, além disso: de que forma é possível fortalecer o uso da língua Guarani Mbya entre os jovens, garantindo sua continuidade como principal elo de união e identidade do povo?

Justificativa

Este estudo se justifica pela necessidade de compreender como as mudanças na língua Guarani Mbya estão afetando a identidade cultural das comunidades, especialmente na Terra Indígena Piraí. A língua sempre foi o principal meio de transmissão dos conhecimentos, das histórias e dos valores deixados pelos xamõi e xaryi kuery (anciãos e anciãs), e é por meio dela que a memória e a espiritualidade do povo Guarani Mbya permanecem vivas.

Com o tempo, porém, a convivência com o juruá (não indígena), a aproximação das áreas urbanas, o avanço das tecnologias e o uso crescente do português fizeram com que muitas palavras tradicionais fossem sendo deixadas de lado. Algumas dessas mudanças facilitam a comunicação fora da aldeia, mas, ao mesmo tempo, trazem o risco de enfraquecer a fala tradicional e o modo de pensar Guarani. Por isso, compreender essas transformações é fundamental para que possamos equilibrar o uso das duas línguas, sem perder o sentido e o valor da palavra antiga.

A presença do português na escola e no cotidiano dos jovens tem provocado alterações no modo de falar, e muitos já misturam as duas línguas, enquanto outros falam

quase somente português. Essa situação é preocupante porque a perda das palavras antigas afeta diretamente a identidade do povo, e ainda abre espaço para que o juruá questione ou desrespeite quem somos. Por isso, torna-se essencial fortalecer o uso da língua Guarani Mbya entre as novas gerações, garantindo que a tradução e o ensino das falas dos mais velhos sejam feitos de forma fiel e respeitosa.

Cada aldeia (Yvyrupa) tem suas próprias sonoridades e expressões, mas todas compartilham a mesma língua e a mesma ligação espiritual com as palavras. A preservação dessas formas de falar é importante para manter vivas as tradições, as práticas e os modos de viver. A língua é um elemento central de resistência cultural, porque é através dela que contamos nossas histórias, registramos nossas trajetórias e repassamos os conhecimentos que dão força ao nosso povo.

Assim, esta pesquisa é necessária não apenas para analisar as mudanças linguísticas, mas também para contribuir com a educação escolar indígena, que deve respeitar o nosso jeito de ensinar e aprender. Fortalecer a língua significa fortalecer a escola, os professores indígenas e o diálogo com os anciãos, garantindo que a cultura continue viva no cotidiano das aldeias.

Dessa forma, o estudo se torna um instrumento de preservação da memória, de valorização da identidade Guarani Mbya e de resistência diante das transformações externas que desafiam o nosso modo de viver e de falar.

Objetivo geral:

Pesquisar e analisar as falas que mudaram com o passar do tempo e com o contato com os não indígenas (juruá), para compreender como essas mudanças afetam a identidade do povo Guarani Mbya.

Objetivos específicos:

- Identificar as palavras antigas e modernas usadas nas aldeias Guarani Mbya;
- Investigar as influências dos Estados e países vizinhos nas mudanças da língua;
- Compreender o surgimento das formas modernas dentro da língua Guarani Mbya;

- Descrever a importância da língua como símbolo de resistência cultural na Terra Indígena Piraiá.

Metodologia da pesquisa

Em termos metodológicos o estudo foi desenvolvido a partir de entrevistas e conversas informais com os mais velhos da comunidade, que são as principais fontes de conhecimento sobre a língua e a cultura Guarani Mbya. Para registrar essas falas, utilizei celular, câmera fotográfica, gravador de áudio e um caderno para anotações. Antes de iniciar o campo, elaborei um questionário com perguntas que ajudaram a orientar as conversas, sempre respeitando o tempo, o modo de falar e a forma de ensinar dos anciãos.

O trabalho de campo incluiu viagens a duas aldeias próximas: a Terra Indígena YY Akã Porã, no município de Garuva – SC, e a aldeia Koenju, localizada em São Miguel das Missões – RS. Nessas comunidades, conversei com lideranças, anciãos e parentes que guardam a memória da língua e acompanharam muitas das mudanças que vêm acontecendo ao longo do tempo. O objetivo dessas visitas foi compreender como o contato com o português e o espanhol tem modificado o uso das palavras e o significado de certas expressões tradicionais.

As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com autorização dos participantes, e também registradas por escrito. Depois de coletadas, as falas foram analisadas qualitativamente, observando não apenas as palavras, mas também as expressões, os gestos e os sentimentos dos entrevistados. Essa análise ajudou a entender o que cada palavra representa dentro da cultura Guarani Mbya e como as mudanças linguísticas estão relacionadas com os modos de vida e com a identidade do povo.

Foram realizadas cinco entrevistas principais, com as seguintes pessoas:

- Enrique Blas Nunes Cavaleiro (Karai Poty Mirim) – é um xamõ (pessoa mais velha e sábia), amigo da comunidade. Ele participa todas as noites da opy'i (casa de reza) da aldeia YY Akã Porã. Apesar de morar atualmente na cidade próxima, sua origem é do Paraguai (Assunción) e ele mantém um forte vínculo espiritual e linguístico com o povo Guarani Mbya.
- Lídia Timóteo (Para Yva) – é cacica da aldeia YY Akã Porã e uma das primeiras habitantes dessa comunidade, junto com sua família. Ela é reconhecida pela

sabedoria e pela forma de manter viva a língua tradicional, orientando os jovens a valorizarem o modo de falar Guarani.

- Leonardo Wera Tupã – é liderança da aldeia YY Akã Porã e colabora em projetos culturais e linguísticos. Ele falou sobre como a escola e o convívio com o juruá influenciam a fala dos mais novos e como é importante recuperar as palavras antigas para fortalecer a identidade.
- Maximiliana Almeida Kerexu Mirĩ – é anciã e curandeira da aldeia Koenju, no Rio Grande do Sul. A entrevista com ela foi uma experiência diferente, porque aconteceu enquanto eu ajudava nas tarefas do dia a dia, como limpar o quintal, preparar o barro para a casa e participar das atividades da comunidade. As conversas também aconteciam em rodas de conversa ao redor da fogueira, ouvindo as histórias e lembranças que ela compartilhava com carinho.
- Cristina Ramires Almeida Ara – é moradora da aldeia Koenju e filha de dona Maximiliana. As entrevistas com ela também aconteceram de forma participativa, durante as atividades da comunidade, com momentos de trabalho e conversa. Em volta da fogueira, ela contava histórias e explicava palavras difíceis, ajudando a compreender melhor o sentido delas dentro da língua Guarani Mbya.

Durante as entrevistas, identifiquei palavras que têm escritas e pronúncia diferentes, mas significados iguais ou semelhantes. Como por exemplo:

- Ha'i / xexy → mãe.
- Apyka / tẽnda → cadeira.
- Inhakanhy / torai → desorientado(a).

Essas entrevistas aconteceram entre janeiro e outubro de 2025. Observei que nas aldeias onde desenvolvi a pesquisa, já mencionadas anteriormente — tanto em Santa Catarina quanto no Rio Grande do Sul —, as palavras variam, mas o sentido é o mesmo. Isso mostra que, mesmo com pequenas diferenças, os povos Guarani de diferentes regiões se compreendem e mantêm uma mesma base linguística e cultural.

Depois de transcrever as falas, realizei a análise em formato de categorias, temas e palavras-chave, buscando entender como cada entrevistado percebe as mudanças da língua e o que essas transformações significam para a vida na aldeia. Assim, esta pesquisa

foi feita ouvindo, observando e aprendendo com os mais velhos, respeitando o modo de fazer pesquisa e saber das coisas no tempo Guarani Mbya, que é o tempo da conversa, da escuta e da convivência.

CAPÍTULO 1 – ESCUTAS E DIÁLOGOS SOBRE A PALAVRA GUARANI MBYA

1.1 A palavra Guarani Mbya e sua força na comunidade

A língua Guarani Mbya carrega as histórias, as memórias e o modo de viver do nosso povo. Diversos autores destacam a importância de mantê-la viva, pois quando uma palavra deixa de ser falada, algo da nossa forma de existir também se perde. Cecília Brizola (2015), ao pesquisar a língua Guarani na aldeia Piraí, observou que o português e o espanhol já influenciam fortemente o modo como muitos jovens se expressam. A autora registra a preocupação dos mais velhos diante desse cenário, pois percebem que várias palavras tradicionais desapareceram do dia a dia. Um exemplo é a palavra “aguyjevete”, antes muito presente nas conversas, mas hoje quase não ouvida. Esse sumiço mostra que a perda da língua é também perda cultural, já que cada palavra guarda sentimentos, histórias e o modo de pensar Guarani Mbya.

No cotidiano da aldeia Piraí, é possível notar que muitos jovens misturam português e Guarani numa mesma frase ou até numa mesma palavra. Os mais velhos relatam que essa prática já acontece há bastante tempo, mas que vem aumentando com o passar dos anos. Essa mistura provoca mudanças na fala e, com essas mudanças, altera-se também a identidade de quem fala. Brizola (2015) explica que essa transformação não envolve apenas a linguagem, mas afeta também a forma de viver e compreender o mundo. Quando deixamos de falar as palavras que nasceram com o nosso povo, deixamos de contar nossas próprias histórias do jeito que foram transmitidas pelos mais antigos.

As conversas com os anciãos da aldeia mostram ainda que algumas palavras antigas sofreram mudanças dentro da própria língua Guarani Mbya, tanto na sonoridade quanto na escrita. Palavras como “xaxy”, que significa mãe, e “tênda”, que quer dizer cadeira, eram pronunciadas de outras formas no passado, como “xexy” ou “ha’i” para mãe, e “apyka” para cadeira. Essas variações revelam o quanto a língua é viva e se

transforma, mas também evidenciam que os mais velhos continuam preservando as formas tradicionais de falar, especialmente em encontros, rezas e momentos de importância cultural. As palavras antigas são uma herança deixada pelos nossos antepassados, e quando são pronunciadas nos dias de hoje, é como se a presença espiritual deles permanecesse entre nós.

1.2 A língua como território e modo de viver

Samuel de Souza (2015) discute a relação profunda entre a língua e o modo de viver do povo Guarani Mbya. O autor explica que as palavras têm origem no território, na natureza e no contato cotidiano com o ambiente — com o mato, os rios, os ventos, os animais e tudo o que existe ao redor. Em suas análises, mostra que a língua nasce da terra, porque é por meio dela que o povo Guarani compreende o tempo, o clima, o som da floresta e o ciclo das plantações. Quando uma língua enfraquece ou desaparece, desaparece junto o jeito de ver o mundo, já que é por meio das palavras que aprendemos a respeitar e entender tudo o que está à nossa volta.

Essa relação entre língua e território aparece de forma clara na aldeia Piraí. Nas conversas com os mais velhos, percebo que muitos jovens já não reconhecem o sentido de várias palavras antigas, como “nhandereko”, que expressa o modo de ser e viver Guarani Mbya. Essa palavra é central porque reúne tradições, costumes e o respeito pela natureza e pelos ensinamentos deixados pelos ancestrais. “Nhandereko” representa o modo como compreendemos o mundo, tanto individualmente quanto no coletivo. Quando seguimos o “nhandereko”, seguimos também a voz dos antigos e o caminho que eles deixaram.

É dentro desse modo de viver que nós, Guarani Mbya, aprendemos a observar o tempo, a escutar o vento, a sentir o cheiro da terra e a reconhecer o canto das aves. A língua nos ensina a perceber quando a chuva vai chegar, quando as árvores vão florescer e quando os frutos estão prontos para serem colhidos. Esses conhecimentos são transmitidos pelas palavras, pelos cantos, pelas histórias e pelos diálogos com os mais velhos. A língua é, portanto, a ponte que une a vida espiritual, a natureza e os antepassados, sustentando o modo de existir Guarani Mbya.

1.3 A língua como espiritualidade, conhecimento e força cultural

A língua Guarani Mbya não é apenas um meio de comunicação. Ela sustenta a espiritualidade, a memória e os conhecimentos que orientam o modo de viver do povo. Brizola (2015) e Souza (2015) mostram que a língua é o corpo e o espírito de uma comunidade, porque é por meio dela que se transmitem os saberes antigos, a forma de ensinar e aprender, o respeito aos mais velhos e o entendimento de tudo o que existe ao redor. Preservar a língua é, portanto, preservar o “nhandereko”, o modo de ser Guarani Mbya, que une a vida, a natureza e a espiritualidade.

As conversas com o pesquisador indígena Enrique Blas Nunes Cavalheiro (2020) reforçam essa compreensão. Ele explica que a língua Guarani Mbya carrega uma força espiritual que não pode ser traduzida para o português, porque cada palavra nasce do modo de viver, sentir e se relacionar com o mundo. Durante o diálogo, Enrique disse que as palavras mudam conforme o contexto e a pessoa que fala, mostrando que a língua acompanha as relações com a terra, com as pessoas e com os espíritos. Ela se movimenta, cresce e guarda histórias.

Ele também explicou que cada letra possui um significado próprio, como uma imagem ou lembrança ligada ao território e à espiritualidade. O exemplo dado por ele foi a palavra “AYVU”, que significa fala ou língua. A letra “A” representa a fruta, que nasce da natureza e sustenta a vida. As letras A e Y (AY) juntas traduzem algo que nasce naturalmente, algo que dá vida. Já as letras V e U (VU) simbolizam aquilo que aparece, que brota do chão. Assim, “AYVU” representa a vida que surge da terra e da voz do povo, mostrando que a língua é a semente que germina dentro de cada pessoa Guarani Mbya.

Por isso, os xamõi kuery e as xaryi kuery afirmam que, se a língua desaparecer, desaparece também o espírito e o modo de ser do povo. A força da palavra mantém viva a espiritualidade, os rituais e o vínculo com os ancestrais. Falar Guarani é manter acesa a essência da existência Mbya, e é esse sentido profundo que orienta a necessidade de cuidado e fortalecimento da língua nas aldeias.

1.4 A língua como memória, sabedoria e força na formação da identidade étnico cultural Guarani Mbya

A língua Guarani Mbya é um lugar de memória. Ela guarda as histórias, os ensinamentos e os valores deixados pelos antepassados, como destaca Cavalheiro (2020).

Para ele, a língua é o coração da cultura Guarani, porque cada palavra carrega um pedaço da vida espiritual e cultural do povo. Quando um jovem deixa de falar Guarani, não se afasta apenas das palavras, mas também das rezas, das cantigas e das tradições que mantêm unida a comunidade. É por isso que os mais velhos demonstram tanta preocupação com o esquecimento da língua: eles entendem que, se ela se enfraquece, enfraquece também a identidade Guarani Mbya.

Essa preocupação aparece também quando se observa o impacto do português dentro das aldeias. Krotsch (2009) discute o bilinguismo e mostra que, quando uma língua dominante — como o português — participa do cotidiano, ela acaba ocupando mais espaço e diminuindo o valor da outra. Isso acontece especialmente nas escolas, onde muitas vezes o ensino prioriza o português e deixa o Guarani em segundo plano. Essa situação contribui para que os jovens percam o contato com as palavras antigas, afetando não apenas a fala, mas o sentimento de pertencimento ao povo.

Esse efeito pode ser observado na própria aldeia Piraí. Quando os professores não indígenas ensinam apenas em português, os alunos passam a usar essa língua como principal forma de comunicação. Aos poucos, o Guarani vai ficando de lado nos cadernos, nas conversas e no cotidiano escolar. Por isso, faz sentido o que Krotsch afirma: as escolas indígenas precisam começar pelo ensino da língua do povo, pois é ela que expressa o pensamento e o sentimento de quem somos enquanto Guarani Mbya.

Na Escola Wera Puku da aldeia Piraí, a importância desse fortalecimento aparece de forma clara. Os professores Guarani Mbya das disciplinas de Arte Guarani, Educação Física e Língua Materna trabalham com cuidado e responsabilidade para incentivar os alunos a valorizar a cultura e a palavra tradicional. Eles mostram que a escola pode ser um espaço de fortalecimento da identidade, e não de apagamento.

Mesmo assim, manter a língua viva dentro da escola é um desafio constante. As tradições, os costumes e a cultura continuam sendo ensinados com o apoio dos xamõi kuery e das xaryi kuery, que participam das atividades escolares e reforçam o valor das palavras antigas. Os professores indígenas levam os alunos à opy'i (casa de reza), realizam rodas de conversa, organizam buscas de lenha, pescarias, práticas de plantio e oficinas de artesanato. Nessas atividades, a aprendizagem acontece na vivência e na

relação com a comunidade, mostrando que a língua, a cultura e a identidade caminham juntas.

1.5 - A escola entre desafios e resistências na preservação da língua Guarani Mbya

O ensino da língua Guarani Mbya por meio da escola enfrenta desafios que se tornam mais visíveis no cotidiano escolar. Durante a pesquisa observei que as atividades realizadas na Escola Wera Puku mostram que o aprendizado não acontece apenas dentro da sala de aula, mas principalmente no convívio diário, nas práticas tradicionais e na relação direta com a comunidade. Mesmo assim, o avanço das tecnologias — como celulares, televisão e computadores — e a presença de professores não indígenas, que utilizam prioritariamente o português, fazem com que esta se torne a língua mais usada na comunicação escolar, tanto nas séries iniciais quanto no ensino médio.

Essa dinâmica evidencia que o ensino da língua Guarani Mbya não pode ser entendido somente como uma disciplina, mas como parte da resistência cultural do povo. A língua é um elemento central para manter viva a identidade e para que as novas gerações continuem ouvindo, falando e sentindo a força da palavra tradicional. Nesse sentido, a análise de Cabral (2010) é pertinente ao explicar que a perda das línguas indígenas está ligada à presença constante do português na escola e na televisão, além da falta de materiais didáticos escritos nas línguas dos povos e da escassez de professores fluentes em suas línguas maternas.

Esse cenário também aparece na realidade da aldeia Piraí, onde há poucos livros escritos em Guarani e um número reduzido de professores que dominam a língua falada e escrita com segurança. A maior parte dos materiais utilizados nas aulas está em português, o que leva as crianças a aprenderem primeiro essa língua e só depois terem contato mais profundo com o Guarani. Cabral (2010) destaca a importância da produção de materiais bilíngues e da formação de professores indígenas para fortalecer o uso da língua nas escolas, apontando caminhos que dialogam diretamente com o que acontece nas aldeias Guarani Mbya.

Na Escola Wera Puku, os professores Guarani Mbya buscam estratégias próprias de ensino. Em vez de celular, computador ou livros prontos, utilizam o cotidiano da aldeia

como principal fonte de aprendizagem. Oficinas para criar colares, arcos e flechas, práticas de plantio, pescaria e rodas de conversa fazem parte do processo educativo. O Mborai, as canções tradicionais, também é uma prática constante, reforçando a relação entre língua, espiritualidade e convivência.

Essas atividades mostram um modo de ensinar que está ligado ao fazer junto, ao observar, ao dialogar com os mais velhos e ao contato direto com a terra. Esse modo difere da lógica do juruá, que privilegia cadernos, silêncio e escrita contínua. Para os Guarani Mbya, aprender é viver, e viver é aprender. O saber nasce da experiência e do vínculo comunitário.

Os relatos dos mais velhos lembram que, no passado, muitos eram contra a construção de escolas dentro da aldeia, com receio de que os costumes, as palavras antigas e a língua se enfraquecessem diante da força do português. Com o tempo, a escola passou a ser vista como uma possibilidade de preservar o conhecimento tradicional, desde que ela respeitasse os modos de ensinar e aprender do povo Guarani Mbya. Assim, a aceitação da escola foi condicionada ao compromisso de ensinar a língua, registrar as histórias dos anciãos e traduzir seus ensinamentos para que cheguem às novas gerações.

Hoje, estudantes e professores indígenas produzem saberes, registram suas narrativas e refletem sobre suas culturas, transformando a escola em um espaço de fortalecimento, e não de apagamento. Essa compreensão dialoga com Gersem Baniwa (2019), que afirma que a escola indígena deve fortalecer a cultura e a língua, funcionando como um território de diálogo entre o conhecimento tradicional e o conhecimento não indígena.

Essa perspectiva ajuda a compreender a importância da escola Wera Puku na aldeia Piraí: ela tenta equilibrar a formação escolar com o fortalecimento da identidade, valorizando as histórias, as palavras antigas e os modos de viver do povo Guarani Mbya. Esse movimento contribui para que as crianças cresçam aprendendo o português sem perder o pertencimento à sua língua e cultura.

1.6 - Conexão entre os autores, as entrevistas e os objetivos da pesquisa

Os autores que dialogam com este capítulo apresentam perspectivas diferentes, mas convergem em um ponto essencial: a língua indígena faz parte do espírito e da força

cultural de um povo. As reflexões de Brizola, Souza, Cavalheiro, Cabral, Krotsch e Baniwa ajudam a compreender que as mudanças linguísticas observadas hoje não representam apenas a substituição de palavras, mas refletem transformações profundas na cultura, na espiritualidade e nos modos de pensar do povo Guarani Mbya.

As entrevistas realizadas com os anciãos reforçam essa compreensão. As falas mostram que a língua Guarani Mbya funciona como elo entre o passado e o presente, transmitindo histórias, ensinamentos e valores que atravessam gerações. Ao registrar palavras e expressões que quase não se ouvem mais, foi possível evidenciar que a língua permanece viva, mesmo com as influências externas que atravessam a aldeia Pirai e outras comunidades visitadas.

As análises também dialogam com a ideia de Baniwa (2019), que entende a escola indígena como um espaço de resistência, capaz de fortalecer a língua e a cultura dos povos indígenas. Os relatos dos mais velhos e as observações feitas nas escolas mostram como esse movimento aparece no cotidiano, especialmente quando o ensino incorpora a participação dos anciãos, as práticas comunitárias e os saberes tradicionais.

A fundamentação teórica apresentada neste capítulo se conecta diretamente aos objetivos da pesquisa, que buscam compreender as mudanças na língua Guarani Mbya e refletir sobre como essas transformações influenciam a identidade cultural do povo. Ao mesmo tempo, evidencia-se a importância de fortalecer o uso da língua nas aldeias e nas escolas, garantindo que ela permaneça como base da educação, da cultura e da continuidade dos modos de viver Guarani Mbya.

CAPÍTULO 2. APRENDENDO COM AS PALAVRAS: O CAMINHAR DA PESQUISA

2.1 O território da pesquisa, as formas de registros, as gentes entrevistadas e o sentido da escuta

O trabalho de campo que sustenta este estudo foi desenvolvido, em sua maior parte, na aldeia Piraí, localizada às margens da BR-280, no município de Araquari (SC). A comunidade é formada por cerca de 45 famílias Guarani Mbya, totalizando aproximadamente 150 pessoas. No território, estão presentes espaços fundamentais para a vida coletiva, como a casa de reza (opy'i), o centro cultural, os tanques de peixes e a escola Wera Puku, que exerce papel importante na preservação da cultura e da língua.

Na aldeia, a língua Guarani Mbya segue sendo falada com frequência, especialmente entre os mais velhos. Ao mesmo tempo, o português vem se tornando mais comum, influenciado pela proximidade com a cidade e pela presença do ensino escolar. Durante o convívio no território, foi possível observar que muitos jovens compreendem a língua Guarani, mas preferem utilizar o português no dia a dia, o que torna visível o risco de enfraquecimento da língua tradicional.

As escutas realizadas com lideranças e anciãos Guarani Mbya orientaram grande parte da pesquisa. Entre os entrevistados estão figuras reconhecidas como guardiões da memória linguística e cultural: Lídia Timóteo (Para Yva), Leonardo Wera Tupã, Enrique Blas Nunes Cavalheiro (Karai Poty Mirim) e dona Maximiliana Almeida Kerexu Mirĩ. Esses interlocutores são responsáveis por manter vivas as palavras antigas, os cantos e as histórias que fazem parte do modo de viver Guarani Mbya. Suas falas revelam que a língua sustenta a união da comunidade e marca a identidade do povo.

Além da aldeia Piraí, o estudo também contou com escutas realizadas na Terra Indígena YY Akã Porã, no município de Garuva (SC), e na aldeia Koenju, no município de São Miguel das Missões (RS). As entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes, em lugares escolhidos por eles, como a casa de reza (opy'i) e a própria escola Wera Puku. Esses espaços foram valorizados por serem ambientes onde a palavra tradicional ganha força e onde a escuta acontece de forma respeitosa, no tempo e no ritmo dos anciãos.

Os registros realizados durante o trabalho de campo foram essenciais para compreender as mudanças na língua Guarani Mbya e para preservar a memória das falas dos anciãos. Foram utilizados celular, câmera fotográfica e gravador de áudio para registrar conversas, relatos e atividades tradicionais nas aldeias visitadas. Esses materiais contribuíram tanto para a análise posterior quanto para a guarda das práticas de fala e dos

modos de viver Guarani Mbya. Embora os arquivos permaneçam comigo para fins de estudo, a intenção é deixar cópias na Escola Wera Puku, para que sirvam como material pedagógico e histórico para alunos e professores da comunidade.

O método usado foi o diálogo aberto, respeitando o tempo e o modo de falar dos mais velhos, que muitas vezes falam aos poucos, entre uma atividade e outra, como quando estão capinando, limpando o quintal ou descansando na sombra. Depois das entrevistas, fiz a transcrição manual de modo interpretativo de todas as falas que se relacionavam com os objetivos da pesquisa.

A aplicação do questionário também fez parte desse processo e ocorreu em dois momentos principais. Inicialmente, foi feita uma apresentação geral, explicando a proposta do estudo e conversando sobre os costumes tradicionais do povo Guarani Mbya, incluindo o modo de comunicação com os não indígenas (juruá) e como essa comunicação se transformou ao longo do tempo. Esse momento inicial ajudou a introduzir o tema e abrir espaço para que os participantes compartilhassem suas percepções sobre as mudanças na fala e sobre a influência das tecnologias modernas na língua Guarani Mbya.

Em seguida, foram aplicadas as questões específicas destinadas a cada entrevistado. Essa etapa permitiu aprofundar o diálogo com cada participante, respeitando seus conhecimentos, suas experiências e a forma como cada um compreende as transformações da língua dentro e fora da aldeia.

Especificamente para conversar com dona Maximiliana, pelo fato dela morar na aldeia Koenju, pertencente ao município de São Miguel das Missões no estado do Rio Grande do Sul, minha viagem começou no dia 13 de julho de 2025, quando saí da aldeia Piraí. Por lá fiquei por uma semana e já no dia 15 de julho, iniciei as conversas. Foi uma experiência nova, porque além de ouvir, também participei das atividades cotidianas da dona Maximiliana, como capinar o quintal, fazer o barro para as paredes da *opy'i* e juntar folhas secas. Enquanto fazíamos essas tarefas, ela respondia às perguntas, e sua filha Cristina ajudava na tradução das palavras mais difíceis.

Esses momentos de convivência mostraram que o ensino e o aprendizado Guarani acontecem nas ações simples do dia-a-dia, no tempo da conversa e da escuta, e não apenas em perguntas diretas.

- Com dona **Maximiliana Almeida Kerexu Mirĩ** e sua filha Cristina Ramires Almeida Ara, as perguntas abordaram a língua antiga e o significado espiritual das palavras.

- Com **Leonardo Wera Tupã**, perguntei qual a importância da língua Guarani? E, em quais situações a língua portuguesa é mais usada ou mais apropriada?

No diálogo com Leonardo Wera Tupã, as respostas ajudaram a compreender como a comunidade percebe o uso das duas línguas no cotidiano. Ao falar sobre a importância da língua Guarani, Leonardo destacou que ela é o que sustenta a força da comunidade, porque reúne os ensinamentos, os valores e o modo de viver transmitido pelos mais velhos. Para ele, o português tem utilidade principalmente nas situações em que há necessidade de comunicação com os juruá, como em atendimentos de saúde, documentos e serviços públicos. Mesmo reconhecendo essa função prática do português, Leonardo reforçou que é o Guarani que mantém unida a comunidade e que garante a continuidade da identidade Guarani Mbya entre as novas gerações.

- A entrevista com dona **Lídia Timóteo (Para Yva)** foi espontânea, pois após minha explicação sobre o estudo que estava desenvolvendo, ela começou a falar antes mesmo de qualquer pergunta, lembrando de palavras que quase não são mais faladas, como:

- Tekoa Piraí;
- Maëty regua;
- Moã ka'aguy;
- Ajaka;
- Ramboxa/Xena;
- Xerojy;
- Mborai'i regua;
- Tembi'u ete'i;
- Xondaro haegui xondaria;
- Araymã;
- Arapyau.

Dona Lúdia explicou que essas palavras guardam histórias antigas e práticas importantes da comunidade. Segundo ela, cada termo carrega um jeito específico de ensinar as crianças e de lembrar os adultos sobre os costumes dos mais velhos. São palavras que mostram como era o modo de viver Guarani Mbya, porque nelas estão guardados os ensinamentos do dia a dia, as orientações dos antigos e as formas de manter o respeito pela natureza e pela vida coletiva. Para dona Lúdia, lembrar e continuar usando essas palavras é uma forma de manter viva a memória e a identidade da aldeia.

- Com o pesquisador indígena **Enrique Blas Nunes Cavalheiro (Karai Poty Mirim)**, as perguntas abordaram sua vivência na aldeia YY Akã Porã e suas reflexões sobre as linguagens.

Nas conversas com o pesquisador indígena, Ele justifica que cada som e cada palavra carrega uma energia própria, ligada ao modo como o povo vive e sente o mundo. Disse que a língua Guarani Mbya é viva porque nasce do chão, da natureza e da voz das pessoas que a usam no cotidiano. Para Enrique, a força da língua está justamente nesse vínculo com o território e com o espírito do povo, mostrando que falar na língua Guarani não é apenas pronunciar palavras, mas também manter acesa a relação com a terra, com os antepassados e com as histórias que formam a comunidade.

Durante as entrevistas, percebi mudanças significativas nas palavras usadas pelos mais velhos e pelos jovens. Em alguns casos, o significado permanece, mas o som ou a escrita mudaram, como por exemplo:

- A palavra “Apyka”, que significa cadeira, foi substituída por “Tênda”, hoje mais usada.
- A palavra “Jajy re”, que significava mês, foi trocada por “Mei”, usada principalmente pelos mais velhos.
- E a palavra “Hy’a”, que antes significava prato, deu lugar a “Nhe’mbe”, usada nas falas atuais.

Essas diferenças mostram como a língua Guarani Mbya pode se transformar, mas sem perder o seu sentido profundo, uma vez que a essência das palavras continua ligada à vida, à cultura e à memória coletiva da comunidade.

2.2 - Como as falas se transformam em sentido e resistência

Na análise qualitativa das falas foi possível detectar temas que se repetiam, como: o medo de perder a língua, o orgulho de ser Guarani Mbya e o desejo de ensinar os mais novos. Esses elementos apareceram em quase todas as entrevistas, mostrando que as palavras carregam um valor que vai além do uso cotidiano. Cada lembrança, cada expressão e cada explicação dada pelos anciãos revelava que a língua é também memória, cuidado e continuidade. Ao ouvir essas falas, ficou evidente que a língua não está só no som das palavras, mas no modo como elas guardam histórias e traduzem a relação do povo com a terra, com o sagrado e com a vida comunitária.

Essa compreensão dialoga diretamente com a ideia de que as falas se transformam em sentido e resistência. À medida que os mais velhos recordavam palavras antigas e explicavam seus usos, ficava claro que cada termo carregava um modo de viver e de compreender o mundo. Mesmo quando algumas palavras já não são usadas com frequência, elas permanecem como referência de identidade e pertencimento. Assim, as entrevistas mostraram que a resistência não está apenas em manter a língua falada, mas também em reconhecer o valor dessas palavras na formação das novas gerações. Com esse entendimento, o próximo capítulo apresenta a análise dos dados coletados, mostrando como as mudanças linguísticas aparecem nas falas dos anciãos e dos jovens e como elas se relacionam com a identidade e a continuidade cultural do povo Guarani Mbya.

CAPÍTULO 3. PALAVRAS ANTIGAS, VOZES VIVAS: A LÍNGUA GUARANI MBYA HOJE

3.1 – O que as palavras revelam sobre o tempo e o modo de ser Guarani

Neste capítulo, aprofundo a análise das entrevistas e observações realizadas durante o trabalho de campo, buscando compreender o que as palavras dizem sobre o tempo, os costumes e o modo de existir do povo Guarani Mbya. As falas dos mais velhos mostram que cada termo guarda um valor próprio, marcado pela memória e pelas práticas tradicionais que estruturam a vida nas aldeias. Já entre os jovens, algumas expressões vêm sendo substituídas por palavras do português, revelando um movimento de transformação que acompanha o convívio cotidiano com outras culturas.

Mais do que identificar mudanças, interessa compreender o que essas variações significam dentro da vida comunitária. As palavras não se alteram apenas na forma: quando uma expressão deixa de ser usada, muitas vezes desaparecem junto com ela gestos, ensinamentos, modos de preparar alimentos e até formas de organização social. Por isso, observar como os termos circulam entre os mais velhos e os jovens permite entender também como a cultura se atualiza, se mantém ou se fragiliza ao longo do tempo.

Um exemplo de transformação aparece na expressão “Tembi’u hete’i”, que se refere à comida verdadeira, preparada de modo tradicional e com ingredientes naturais da aldeia. Hoje, muitos jovens utilizam palavras como “comida pronta” ou “lanche”, termos ligados à cidade e aos alimentos industrializados. Da mesma forma, a palavra “Oguata”, que significa caminhar, vem sendo substituída pela expressão “andar”, que aparece no cotidiano influenciado pelo português.

Ao mesmo tempo, há palavras que permanecem firmes e continuam sendo ditas como antigamente, especialmente pelos mais velhos. Entre elas estão:

- Mbojape;
- Kavure;
- Mbyta ku’a;
- Mbeju perereĩ;
- Ka’i repoty;
- Purupẽ;
- Nhandu hapyxa;
- Pyryryĩ;
- Ægu’a;
- Mba’e xoa.

Esses termos estão ligados ao território, à comida, aos animais, às práticas culturais e ao cotidiano da aldeia, preservando conhecimentos que atravessam gerações. A permanência dessas palavras revela a força da memória coletiva e confirma que a língua Guarani Mbya continua viva no convívio diário, nos rituais, nos ensinamentos e nos modos de se relacionar com a natureza.

3.2 – Mudanças na língua e o esquecimento dos costumes

Algumas expressões tradicionais, como *Moãin regua* e *Ajaka regua*, já mencionadas no capítulo anterior, têm desaparecido entre os jovens. *Moãin* se refere aos remédios tradicionais da floresta, usados para curar o corpo e o espírito. Já *Poã* é a palavra utilizada para os remédios do juruá, ou seja, os medicamentos comprados na farmácia. Hoje, é comum ouvir apenas “Poã”, tanto porque os remédios industrializados estão mais presentes quanto porque o desmatamento tem diminuído os lugares onde antes se encontrava o *Moãin*. Assim, quando uma palavra se perde, desaparecem também os saberes e os espaços que faziam parte dela.

O mesmo ocorre com *Ajaka*, que significa a cesta feita de taquara ou cipó. Antigamente, aprender a fazer um *ajaka* era parte importante da formação dos jovens, pois exigia atenção, paciência e prática, além de representar um vínculo direto com o território. Atualmente, poucos jovens demonstram interesse em aprender, já que muitos objetos do cotidiano são comprados prontos na cidade. Mesmo assim, os mais velhos continuam ensinando essa prática nas oficinas da escola Wera Puku, mostrando que a língua, o artesanato e os modos de vida estão conectados.

Essas transformações evidenciam que o esquecimento das palavras não acontece sozinho: junto com elas se perdem gestos, técnicas e costumes que fazem parte do cotidiano Guarani. Para o povo Mbya, a fala e a vida caminham juntas, e por isso, quando uma palavra deixa de existir, um modo de viver também corre o risco de desaparecer.

Outro ponto observado durante a análise foi a variação na forma de escrever e pronunciar certas palavras entre aldeias e regiões. A expressão *Taku gua*, por exemplo, é mais comum entre os Mbya de São Paulo, enquanto *Pava* aparece com mais frequência nas aldeias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O termo *Pava*, como explicaram os xamô e xaryi, tem origem na Argentina e foi trazido por famílias Mbya que migraram de lá, passando por diferentes aldeias até chegar ao Brasil.

Outra variação aparece na palavra *Djawydyjwy*, de origem Tupi, como me explicou uma pesquisadora dessa etnia. Com o tempo, o termo se modificou e passou a ser pronunciado e escrito como *Djavydju*, com o D mudo. Em português, significa “bom dia”, o que mostra como as línguas indígenas dialogam entre si e se transformam nos encontros entre povos.

Também comparei as expressões *Mbawyky xe mombyrydjewuwa* (Tupi) e *Ayvu mboajaa* (Mbya), ambas utilizadas atualmente para se referir ao celular. Essa comparação revela muito mais do que dois termos diferentes: mostra maneiras distintas de compreender a tecnologia. Enquanto o Tupi descreve o aparelho como algo que transmite a fala a distância, o Mbya entende o celular como um instrumento que “faz nascer a voz”. Cada língua carrega, assim, uma visão própria sobre o mesmo objeto.

Essas diferenças reforçam que o Guaraní Mbya é uma língua viva, que se transforma conforme o tempo, o território e as experiências de cada aldeia. Mesmo diante das mudanças, mantém sua essência, pois expressa a memória coletiva e a relação profunda do povo com o território. Por isso, compreender essas transformações é fundamental para fortalecer o uso da língua, garantindo que as próximas gerações continuem vivendo e sentindo o Guaraní em sua forma própria.

Durante o campo, também observei que o português tem ocupado o lugar de muitas palavras antigas. Isso ocorre principalmente entre os jovens e dentro das escolas, mas também nas conversas do dia a dia, especialmente fora da aldeia. *Tata rendy*, que se refere à energia do fogo ou da luz, quase não aparece mais, sendo substituída por “energia elétrica”. Da mesma forma, *ovêtã*, que significa janela, tem sido trocada pela palavra portuguesa.

Além disso, o espanhol também aparece entre aqueles que têm parentes no Paraguai ou nas aldeias de fronteira. Essa mistura resulta no que muitos chamam de fala misturada, onde o português vai se tornando dominante e o Guaraní perde espaço, principalmente entre jovens que convivem mais com o mundo do juruá. Essa influência externa atua diretamente na vitalidade da língua, exigindo atenção e cuidado para que o Guaraní Mbya continue presente na vida cotidiana das aldeias.

3.3 Quando as palavras se calam: o aportuguesamento e o esquecimento

A pesquisadora Cecília Brizola (2015) chama esse processo de perda de palavras antigas de “abandono afetivo das palavras”. Ela explica que isso ocorre quando os falantes deixam de usar expressões carregadas de sentimento, memória e valor cultural. Essa ideia aparece de forma clara no cotidiano da aldeia Piraí, onde muitos jovens substituem termos tradicionais por palavras modernas sem perceber o alcance dessa troca. Para eles, trata-se

apenas de um modo “mais fácil” de falar, mas, por trás disso, há o risco de deixar silenciosa uma parte importante da história e da visão de mundo Guarani Mbya.

Essas mudanças não são apenas linguísticas; são também culturais. Quando uma palavra deixa de ser falada, junto com ela se silenciam práticas, lembranças e modos de vida. A língua Guarani Mbya não separa o falar do sentir: cada palavra traz uma compreensão própria sobre a vida, a natureza e o sagrado. Assim, quando certas expressões desaparecem, uma parte dessa forma de compreender o mundo também enfraquece.

Durante as entrevistas, registrei alguns exemplos desse aportuguesamento, especialmente entre os jovens. A expressão “Jaa”, que significa “vamos” ou “vamos então”, vem sendo trocada por “bora”, uma palavra amplamente usada pelos falantes de português. Assim, frases como “Jaa ma vy” passaram a ser ditas como “Bora ma”. Muitos jovens justificam essa troca dizendo que “é a nova forma de falar da geração atual”, reforçando que o português tem se tornado dominante em algumas situações de comunicação.

Outro exemplo é a palavra “Xinguyre”, usada pelos mais velhos para se referir ao tatu, animal presente na alimentação e nas histórias tradicionais do povo. Atualmente, a forma mais comum entre os jovens é simplesmente “tatu”. Antigamente se dizia “ajopy kuri xinguyre”, mas, hoje, é frequente ouvir “ajopy kuri tatu”. Pequenas trocas como essa mostram como o português entra aos poucos no ritmo e no som da língua Guarani Mbya, moldando novas formas de fala.

Essas mudanças podem parecer simples, mas revelam transformações profundas no uso da língua dentro das aldeias. Para muitos jovens, essas adaptações são vistas como atualizações naturais. Já para os mais velhos, são sinais de alerta, pois cada palavra antiga que deixa de ser falada carrega consigo uma memória coletiva que corre o risco de se calar.

Por isso, o desafio atual é criar caminhos para que o português e o Guarani convivam dentro da aldeia sem que a língua Mbya perca o seu valor e o seu espírito. Manter o uso das palavras tradicionais não significa negar a convivência com outras línguas, mas preservar a força que sustenta a identidade, a memória e o modo de existir Guarani Mbya.

3.4 O olhar dos anciãos e o papel da escola diante da perda da língua

As falas dos anciãos revelam uma preocupação profunda com o enfraquecimento da língua Guarani Mbya entre os jovens. Para eles, a língua sustenta o modo de viver e de pensar do povo, e o esquecimento das palavras antigas representa também um afastamento da memória coletiva e dos valores transmitidos pelos antigos. Dona Lídia (Para Yva) relatou que antes era comum ouvir conversas inteiras em Guarani dentro das casas, nas reuniões e nas rezas; hoje, porém, escuta cada vez mais palavras em português, especialmente entre as gerações mais novas. Segundo ela, a diminuição dessas palavras tradicionais enfraquece as práticas ligadas à cultura e ao respeito que existia entre as famílias.

Leonardo Wera Tupã também comentou essa mudança, lembrando que, no início, os mais velhos não queriam escola dentro da aldeia justamente por receio de que a língua e os costumes fossem deixados de lado. Com o tempo, a presença da escola passou a ser aceita, desde que ela contribuísse para preservar o conhecimento tradicional e favorecer o ensino da língua Guarani Mbya. Na avaliação dele, a escola só tem sentido se respeitar a palavra antiga e se mantiver um diálogo equilibrado entre os saberes Guarani e os saberes do juruá.

O pesquisador Enrique Cavalheiro reforça essa visão ao afirmar que compreender a língua Guarani Mbya é também compreender o modo de viver e o pensamento espiritual do povo. Para ele, cada palavra carrega um sentido profundo e organiza a relação entre pessoas, espírito e território. Ele destaca que é pela língua que se formam as conexões comunitárias e espirituais que sustentam o modo de ser Guarani.

Dona Maximiliana Almeida Kerexu Mirĩ acrescenta que muitas palavras possuem mais de um sentido e que isso pode gerar confusões se não forem usadas corretamente. Ela lembrou que, antigamente, os mais velhos corrigiam os apelidos e os nomes para que fossem pronunciados da forma certa, pois cada nome carrega força e responsabilidade. Para ela, quando os jovens deixam de usar as palavras tradicionais, perde-se também o respeito pelos significados e pelos vínculos que esses nomes guardam. Na sua visão, a preferência crescente pelo português deixa a língua Guarani mais frágil e enfraquece a identidade cultural dentro da própria aldeia.

Nesse contexto, a escola indígena enfrenta o desafio de cumprir as exigências do sistema de ensino do juruá sem comprometer o fortalecimento da língua Guarani Mbya. Mesmo com os avanços, o português ainda é predominante nas aulas e nas conversas das crianças, devido à falta de materiais bilíngues e de professores fluentes em Guarani. A prática de muitas famílias de ensinar o português como primeira língua também contribui para o distanciamento das crianças em relação à língua materna e aos costumes tradicionais. Para Gersem Baniwa (2019), a escola indígena deve atuar como espaço de equilíbrio cultural e linguístico, permitindo que o português e o Guarani convivam com respeito, de modo a fortalecer a identidade e a continuidade da tradição Guarani Mbya.

A reflexão trazida por Gersem Baniwa ajuda a compreender que a escola indígena deve atuar como espaço de fortalecimento da cultura e da língua, e não como substituição delas. Quando o ensino respeita o modo de aprender Guarani, a escola se torna um lugar de continuidade cultural e um ambiente onde a língua pode permanecer viva, mesmo diante das influências externas que chegam à aldeia.

A língua Guarani Mbya ultrapassa a função de comunicação: ela expressa identidade, ligação com os antepassados e conexão com o sagrado. Os anciãos costumam dizer que, quando a língua se enfraquece, o espírito também perde força, pois a fala é o caminho que liga cada pessoa à terra, aos espíritos e à comunidade. Esse entendimento apareceu com clareza nas entrevistas, especialmente quando os mais velhos destacaram que falar Guarani é também afirmar a existência coletiva do povo.

Mesmo com a presença cada vez maior da cidade, da tecnologia e do português no cotidiano, muitas famílias continuam dedicando tempo para ensinar a língua às crianças e aos jovens. Essa continuidade aparece nas rezas, nos cantos, nas conversas e nas atividades comunitárias, mostrando que a resistência está presente nos gestos mais simples do dia a dia.

Dona Maximiliana compartilhou um sonho no qual ouviu que Nhanderu se comunica com o povo por meio da língua e dos sinais. No sonho, ela entendeu que, quando alguém deixa de falar Guarani e passa a se vestir e agir apenas como o juruá, essa pessoa vai se distanciando do caminho ensinado pelos antigos. Segundo ela, as palavras e os costumes caminham juntos, e o enfraquecimento da língua também afasta as pessoas da vida espiritual que sustenta o Povo Guarani Mbya.

Ela recordou ainda que a antiga casa de reza (opy) da comunidade foi queimada anos atrás, e com ela muitos cantos e orações deixaram de ser praticados. Para ela, a perda da língua não se resume ao esquecimento das palavras: envolve também a perda de práticas, memórias e formas de viver ligadas ao sagrado. Por isso, reforça que preservar o Guarani Mbya é preservar a história e o modo de existir da comunidade.

Na aldeia Pirai, ficou evidente que a língua segue como um dos principais símbolos de resistência cultural. Mesmo diante das mudanças trazidas pelo contato com o mundo do juruá, o Guarani Mbya continua sendo a base das relações comunitárias e o modo como muitas pessoas se identificam e se reconhecem.

Os dados analisados mostram que a língua Guarani Mbya expressa resistência e força espiritual, e que falar na própria língua é afirmar a existência do povo. Preservá-la significa garantir o futuro das próximas gerações, mantendo vivo o vínculo com os antigos e com o território.

Com tudo o que foi ouvido e observado nas entrevistas, nas viagens e nas conversas com os mais velhos, tornou-se claro que a língua Guarani Mbya reúne memória, força espiritual e união comunitária. As análises demonstram que, mesmo com as influências externas que chegam de diferentes formas, existe uma resistência ativa dentro da aldeia. A seguir, nas Considerações Finais, apresento como esse percurso ajudou a compreender melhor o valor da língua e quais caminhos podem fortalecer o Guarani Mbya para as gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, consigo olhar para tudo o que vivenciei — as conversas, as viagens, as escutas e os aprendizados — e perceber com mais clareza o quanto a língua Guarani Mbya vem se transformando ao longo do tempo. Nas entrevistas com os mais velhos, ficou evidente que muitas palavras tradicionais estão sendo substituídas por termos do português e do espanhol. Isso acontece por causa da convivência com o juruá, da presença cada vez maior da cidade ao redor da aldeia e também pela escola, que muitas vezes prioriza o português. Mesmo assim, a língua Guarani Mbya segue viva, e é justamente nela que reconhecemos a nossa força como povo.

Os relatos dos anciãos mostraram que falar na nossa língua não é apenas comunicação: é manter viva a cultura, a memória e o modo de viver. Foi muito especial perceber que muitas palavras antigas ainda permanecem fortes entre os mais velhos, e trazer essas palavras para este estudo foi também uma forma de lembrar aos jovens que a língua tem um valor profundo para a vida em comunidade. Durante o caminho da pesquisa, compreendi que a comunicação não está só na fala, mas também nos gestos, nos cantos, nos símbolos e nas formas de convivência que fortalecem a cultura Mbya.

A língua Guarani Mbya é o elo que liga passado, presente e futuro. É o que une os espíritos e as pessoas, como os xamõi e xaryi sempre lembraram nas entrevistas. Quando alguém fala Guarani, não está apenas trocando palavras: está rezando, ensinando, cuidando e transmitindo aquilo que veio dos antigos. Registrar as palavras e refletir sobre o seu significado é uma forma de garantir que elas não desapareçam. Cada termo carrega uma história, um sentido e uma força, e preservar a língua é preservar também os cantos, as receitas, os rituais, os saberes da mata e a memória dos anciãos.

Falar Guarani é afirmar quem somos, mesmo quando o mundo ao redor muda. Os anciãos sempre repetem que o conhecimento precisa ser passado adiante — aos filhos, aos netos e aos que ainda virão. As preocupações deles são claras: manter as tradições, os costumes, as práticas da culinária, a sabedoria dos remédios da floresta e todos os ensinamentos que moldam o nosso modo de ser. Tudo isso faz parte da essência Mbya Guarani, que continua viva mesmo em meio às transformações trazidas pelo tempo. Valorizar nossas raízes é continuar existindo como povo.

Os jovens têm um papel fundamental nesse caminho. São eles que vão carregar a língua adiante, dar continuidade ao que os mais velhos ensinaram e criar novas formas de usar o Guarani Mbya no presente. Hoje, muitos jovens entendem a língua, mas não falam com frequência, o que representa um risco para a continuidade dela. Ao mesmo tempo, isso abre espaço para iniciativas que fortaleçam o uso da língua entre as novas gerações. O Guarani precisa estar presente nas conversas, nas músicas, nas rodas de histórias e até nas redes sociais, porque é assim que a palavra continua viva dentro e fora da aldeia.

Na aldeia Piraí, ao conversar com jovens Guarani Mbya entre 14 e 20 anos, pude compreender como eles enxergam o próprio futuro e o papel da escola nesse caminho. As falas mostraram que a juventude vive um tempo de muitas mudanças, mas também de

muita esperança. Cada jovem que ouvi revelou um jeito próprio de pensar o estudo, a comunidade e a importância de continuar sendo Guarani, mesmo convivendo com o mundo do juruá.

A primeira conversa foi com Cíntia Gabriel Soares, de 19 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio. Ela destacou que a escola abre portas para melhorar a vida das famílias e da aldeia, mas que isso só faz sentido se caminharmos sem esquecer quem somos como povo. Para Cíntia, os anciãos são como “livros vivos”, porque carregam dentro deles os ensinamentos, as histórias e os modos de viver que orientam o nosso caminho. Ela contou que muitas palavras e sabedorias não têm tradução fiel para o português, mas que mesmo assim precisam ser registradas para que não se percam. Para ela, a escola dentro da aldeia é essencial, porque ajuda a manter a identidade e fortalece o diálogo com os não indígenas de forma mais consciente e segura.

Também conversei com Liedson Karai Centurião, de 14 anos, aluno do 2º ano do Ensino Médio. Ele falou sobre o seu desejo de terminar os estudos e chegar ao ensino superior, mesmo sabendo das dificuldades enfrentadas pela família. Mencionou o esforço do pai, que trabalha fora da aldeia enfrentando preconceitos e trabalhos pesados, e destacou o incentivo constante da mãe, que trabalha na escola e o motiva a continuar estudando. O sonho de Liedson é se tornar professor para ajudar a comunidade e servir de exemplo para outros jovens.

Essas falas mostram que os jovens reconhecem o valor da educação, mas também entendem que a cultura e a língua são fundamentais para que sigam firmes na identidade Mbya. Eles acreditam que é possível caminhar entre dois mundos — o mundo do juruá e o mundo Guarani — sem perder quem são. Para eles, estudar não significa deixar a cultura para trás, mas fortalecer a comunidade para continuar existindo.

De modo geral, essas conversas reforçam que a escola é vista como um espaço de encontro entre o conhecimento tradicional e o conhecimento do juruá. Quando os dois caminham juntos, a educação se torna uma ferramenta de fortalecimento cultural e de formação das próximas lideranças indígenas, que vão continuar defendendo a identidade e o modo de viver do povo Guarani Mbya.

Também, com base na pesquisa e nas falas dos mais velhos e dos jovens, considero que algumas ações podem contribuir para fortalecer a língua Guarani Mbya nas comunidades:

- Criar projetos para registrar e gravar as falas dos anciãos, com apoio dos xamõi e xaryi;
- Produzir materiais didáticos bilíngues para as escolas indígenas;
- Formar professores indígenas fluentes em Guarani Mbya;
- Realizar oficinas e rodas de conversa sobre palavras antigas e seus significados;
- Promover encontros entre aldeias para troca de saberes sobre a língua.

Essas ações podem aproximar os jovens da língua e ajudar a mostrar que o Guarani Mbya é também uma forma de resistência. Mesmo com as transformações trazidas pela cidade, pela tecnologia e pelo contato com outras culturas, é possível continuar falando a língua e ensinando as crianças para que nunca deixem de ser Guarani.

Sobretudo, ao encerrar a escrita deste TCC, percebo que cada palavra registrada aqui carrega um pedaço da minha caminhada, das escutas que fiz e do aprendizado que recebi dentro da comunidade. Todo este trabalho nasceu do convívio, das conversas e do respeito pela memória dos mais velhos, e por isso agradeço a Nhanderu (Deus), que guiou meus passos e me deu força para chegar até aqui.

Agradeço, com profundo respeito, aos xamõi kuery e xaryi kuery, que me acolheram e compartilharam suas palavras antigas com paciência e cuidado. Cada ensinamento que recebi não foi apenas conhecimento: foi sentimento, memória e responsabilidade. Guardo tudo isso com muito carinho, porque sei que essas palavras não são só para mim, mas para todos que ainda virão.

Este estudo representa uma parte importante da minha trajetória. Escrivê-lo me ajudou a compreender melhor a força da nossa língua e o quanto ela sustenta a identidade, a cultura e a espiritualidade do povo Guarani Mbya. Também me mostrou que cuidar da língua é cuidar da nossa existência, porque é nela que vivem as histórias, os cantos, as rezas e os modos de ser que nos definem.

Reafirmo que o sentido deste trabalho é coletivo. Entre nós, o conhecimento nasce do diálogo, cresce na escuta e se fortalece quando é compartilhado entre os mais velhos e os jovens. Nenhuma pesquisa, dentro da vida Guarani, acontece sozinho — tudo o que aprendemos vem da união da comunidade e da força das nossas histórias.

Por isso, deixo meu agradecimento a todos que caminharam comigo nesta jornada e ajudaram a manter viva a voz do povo Guarani Mbya. Que estas páginas sirvam como memória, como alerta e como força para que a nossa língua continue viva, sendo passada de geração em geração. Que ela siga nos guiando, como sempre fez, no caminho da identidade, da resistência e do bem viver.

REFERÊNCIAS

ALDEIA TEKOA MARANGATU. *A Mbya kuery há'egui yvyrupa: a natureza e os guarani*. Florianópolis: EPAGRI, 2014.

BANIWA, Gersem. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2019.

BRIZOLA, Cecília. *Mudanças na Língua Guarani falada na Aldeia Pirai/Araquari/SC*. 2015. (Trabalho acadêmico – dados disponíveis no texto).

NASCIMENTO, André Marques; KUIKURO, Pioni Atsua. Práxis de educação linguística intercultural em fricção com a Terra. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 64, 2025.

OLIVEIRA, Beatriz de; SEVERO, Cristine Gorski. Educação escolar indígena e o papel do intérprete guarani-português: por uma perspectiva crítica. *Travessias Interativas*, v. 10, n. 22, 2020.

PEREIRA, Levi Marques (org.). *Etnologia Guarani: diálogos e contribuições*. Dourados: UFGD Editora, 2022.

RODRIGUES, Maria Adriana; MARTINS, Racquel Valério. Formação inicial de professores indígenas Guarani/Kaiowá nível médio: do desafio à possibilidade. *Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 29, 2024.

SOUZA, Samuel de. *O significado da natureza para o Guarani: uma relação de vida para a cultura local*. 2015. (Referência conforme dados disponíveis).

ZAKS, Ana Júlia Barros Farias; SILVA, Ana Tereza Reis da. Narrativas de resistência: ensinamentos do caso Guarani e Kaiowá para uma educação ambiental intercultural. *Revista REMEA*, v. 36, n. 2, 2020.